

O AGENDAMENTO DO ESTUPRO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE A CULPABILIZAÇÃO DAS VÍTIMAS EM NOTÍCIAS

Gabriela Filípio Krug¹

Resumo: O presente trabalho busca analisar o agendamento de notícias que retratam a culpabilização das vítimas em casos de estupro. Para isso, foram escolhidas duas produções de veículos do interior, Diário da Manhã e Rádio Uirapuru, ambos da cidade de Passo Fundo. Como base teórica, serão utilizados os conceitos de Maxwell McCombs (2009) e Antônio Hohlfeldt (1997) para contextualizar agendamento, bem como Eving Goffman (2006) com a questão do enquadramento das notícias. A metodologia que baseia esta pesquisa é sustentada pela análise de discurso, conforme conceito estabelecido por Márcia Benetti (2010). Com este estudo podemos perceber que a cultura do estupro está muito presente na sociedade e é refletida pelos jornalistas na forma como agendam as notícias relacionadas a casos dessa natureza. Nas publicações analisadas, o profissional busca apresentar no texto um motivo para que o abuso tivesse acontecido, dando a entender que a culpa é da vítima. Além disso, é preciso divulgar informações sobre como as vítimas podem denunciar seus agressores, o que fazer quando este tipo de violência acontece ou onde procurar ajuda, visando a contribuir para que mais denúncias ocorram, o que não é registrado nos textos analisados.

Palavras-chave: Agendamento. Notícias de Estupro. Análise de Discurso. Papel Social.

1 Introdução

Falar sobre ocorrências de casos de estupro é o primeiro passo para que as vítimas sigam denunciando seus agressores. No entanto, é preciso muito cuidado ao tratar sobre temas desta natureza. É papel do jornalista agir com compromisso social e noticiar sobre esse tipo de acontecimento, incentivando que mais vítimas possam denunciar os abusos que sofreram. Diante deste contexto, este trabalho busca mostrar quais os cuidados os jornalistas devem ter ao abordar tal tema, levando em conta a cultura de estupro que está presente em nossa sociedade.

Dito isso, esta monografia tem como objetivo avaliar o agendamento de notícias que retratam a culpabilização das vítimas em casos de estupro. Para isso, foram escolhidas duas produções de veículos do interior, Diário da Manhã e Rádio Uirapuru, ambos da cidade de Passo Fundo. A fundamentação teórica que norteia esta análise será a teoria do agendamento, tendo como base o conceito proposto por Maxwell McCombs (2009) e a interpretação de Antônio Hohlfeldt (1997), bem como a conceituação de Eving Goffman (2006) para a questão do enquadramento das notícias. A metodologia que baseia esta pesquisa é sustentada pela análise de discurso, conforme conceito estabelecido por Márcia Benetti (2010).

A amostragem utilizada é referente a duas notícias relatando ocorrências de estupro

¹ Artigo apresentado pela acadêmica do curso de jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

em cidades da região. As publicações foram feitas em dezembro de 2019 no portal da Rádio Uirapuru e em janeiro de 2020, no site do Diário da Manhã.

Este trabalho foi pensado de modo a fazer com que os jornalistas tenham mais cuidado no momento em que forem relatar um acontecimento. A cultura do estupro é algo bastante presente na sociedade e é papel do jornalismo mostrar que quando as pessoas objetificam um corpo, quando duvidam da pessoa pela roupa que ela usa ou da maneira como se comporta, elas estão contribuindo com esta cultura cheia de preconceitos. Quando um jornalista dá a vez para uma vítima de abuso se pronunciar ou quando repudia qualquer crime deste gênero, ele está fazendo o seu papel social de incentivar as pessoas a saírem deste pensamento que norteia a cultura do estupro.

Os jornalistas são formadores de opinião e isso exige muita responsabilidade. Esses profissionais devem tomar cuidado pois é a narrativa proposta pelo repórter que vai prevalecer como verdade para a sociedade. Se o jornalista apresentar preconceitos em sua fala, o público pode se apropriar daquilo da narrativa e talvez reproduzi-la.

O artigo será dividido em duas partes principais, sendo que a primeira vai abordar o agendamento e a seleção de notícias, e o segundo, que vai tratar do fato da culpabilização das vítimas estampada em notícias. Na sequência, após definida a metodologia, será realizada a análise de discurso das notícias selecionadas, a partir da categorização proposta por Hohlfeldt (1997) em relação à teoria do agendamento. A partir do resultado deste estudo, será possível perceber a forma mais adequada de relatar acontecimentos como os estupros, para que não se reproduzam conteúdos que sugiram a culpabilização da vítima.

2 O agendamento e a seleção de notícias

Os jornalistas são profissionais com ideias individuais construídas ao longo de sua carreira e cuja função é informar a sociedade. No entanto, cabe a eles serem imparciais na hora de transmitir essas notícias ao público. Mas este quesito nem sempre é seguido à risca. Assim como cita Pena (2015), a teoria do agendamento não diz que a mídia quer persuadir a sociedade a pensar de uma maneira, mas influencia nas conversas dos cidadãos, de acordo com sua própria cultura e pelos critérios de noticiabilidade que utiliza.

Alguns profissionais trazem para os textos as suas angústias, ideais, visões de mundo e em alguns casos, o preconceito com determinados povos, raças, gêneros. O profissional acaba por selecionar o que os leitores vão ter de conhecimento em relação aos fatos.

Na seleção diária e apresentação das notícias, os editores e diretores de redação focam nossa atenção e influenciam nossas percepções naquelas que são as mais importantes questões do dia. Esta habilidade de influenciar a saliência dos tópicos na agenda pública veio a ser chamada da função agendamento dos veículos noticiosos. (MCCOMBS, 2009, p. 17).

Deste modo, o jornalista escolhe o que o público vai saber sobre aquele acontecimento, selecionando as partes que são importantes, na opinião dele, e mostrando a história através do seu ponto de vista. Na prática, o jornalista agenda o que a sociedade vai saber a respeito de determinado assunto.

As pessoas são influenciadas pelo conteúdo que consomem, seja de forma consciente ou inconsciente. Uma frase escrita de forma equivocada pode criar toda uma visão distorcida sobre um acontecimento e fazer com que o público também pense de tal forma.

Conforme Miguel e Souza (2018), o agendamento diz que a mídia é capaz de pautar a sociedade. Assim, os meios de comunicação teriam uma participação direta na opinião das pessoas. Se um assunto for caracterizado por um veículo como um grande acontecimento, ele se tornará importante para o público, pela visibilidade que recebe.

Quando McCombs (2009) começou a analisar o comportamento das pessoas em relação ao seu consumo midiático, em 1967, percebeu que as pessoas começaram a observar as notícias da primeira página do Los Angeles Times e, então, os primeiros sinais da teoria do agendamento surgiram. Naquele dia, havia três grandes notícias: uma internacional, que tratava da mudança na preferência das eleições municipais britânicas do Partido Trabalhista ao Conservador; uma nacional, que noticiava o escândalo emergente em Washington; e uma local, falando sobre a demissão do diretor metropolitano de um amplo programa financiado pelo governo federal em Los Angeles. Foi então que o Los Angeles Times colocou a história local em destaque na capa. De acordo com o relato de McCombs (2009, p. 9), “aquelas especulações baseadas numa grande variedade de ideias e evidências empíricas sobre a influência dos mass media no público foram as sementes da Teoria da Agenda”.

Desta maneira, como jornalistas, influenciamos a forma de pensar do público. As notícias relacionadas a estupro, por exemplo, podem chegar aos leitores carregadas de preconceitos, como veremos neste estudo. O ponto é: por que essas notícias são escritas da forma que são?

A teoria do agendamento sublinha uma forte mudança no paradigma dominante da teoria dos efeitos dos *media* e significa uma redescoberta do

poder do jornalismo não só para selecionar os acontecimentos ou temas que são negociáveis, mas também para enquadrar estes acontecimentos e/ou temas. (TRAQUINA, 2013, p. 16).

O enquadramento jornalístico, que será abordado em seguida, consiste, segundo Carvalho (2009), em selecionar os aspectos dados a uma narrativa para que ela possa ser compreendida a partir de estruturas cognitivas e quadros de referência, que vão conduzir aquela pessoa a uma determinada visão, entre tantas outras possíveis. Desta forma, está interligado com o agendamento das notícias.

Para Pena (2015), a teoria do agendamento sugere que os consumidores das notícias/leitores consideram mais importante e tomam como verdade aquilo que é veiculado na imprensa, no caso, as notícias. Os meios de comunicação escolhem nossos debates e o ponto de vista que vamos ter.

O agendamento é uma teoria sobre a transferência da saliência das imagens da mídia sobre o mundo às imagens de nossas cabeças. A ideia teórica central é que os elementos proeminentes na imagem da mídia tornam-se proeminentes na imagem da audiência. Aqueles elementos enfatizados na agenda da mídia acabam tornando-se igualmente importantes para o público. (MCCOMBS, 2009, p. 111)

Hohlfeldt (1997) relacionou conceitos básicos, ligados à teoria do agendamento, que mostram como esses jornalistas selecionam o que o público vai consumir de conteúdo. Para esse autor, a primeira característica é a *acumulação*, que é a capacidade que a mídia tem de dar relevância a um determinado tema, dando destaque do imenso conjunto de acontecimentos diários que vão virar notícia. Já como segunda característica ele cita a *consonância*:

Apesar de suas diferenças e especificidades, os mídias possuem traços em comum e semelhanças na maneira pela qual atuam na transformação do relato de um acontecimento que se torna notícia. Consequentemente, alguns princípios gerais podem ser aplicados, independente de suas idiossincrasias. (HOHLFELDT, 1997, p. 49).

Segundo apresenta Hohlfeldt (1997), na *onipresença* um acontecimento transformado em uma notícia ultrapassa os espaços delimitados e se torna onipresente. Outra característica apontada pelo autor é a *relevância*, que de acordo com ele (1997, p. 49) “é avaliada pela consonância do tema nos diferentes mídias, ou seja, se um determinado acontecimento acaba sendo noticiado por todos os diferentes mídias, independente do enfoque”.

Seguindo a lógica de caracterizar o agendamento, conforme Hohlfeldt (1997), o *frame temporal* é uma certa quantidade de informações que se forma em um determinado período de pesquisa e que permite uma melhor interpretação de um acontecimento. O conceito chamado de *time-lag*, segundo o autor, é:

O intervalo decorrente entre o período de levantamento da agenda da mídia e a agenda do receptor, isto é, como se pressupõe a existência de um efeito de influência da mídia sobre o receptor, ela não se dá mágica e imediatamente, mas necessita de um certo tempo para se efetivar a ser constatável. (HOHLFELDT, 1997, p. 49).

A característica da *centralidade*, para Hohlfeldt (1997), é a capacidade que os mídias tem de conseguir colocar determinado assunto como algo importante, dando relevância, hierarquia e significado. Quanto à *tematização*, Hohlfeldt pressupõe que:

É o procedimento implicitamente ligado à centralidade, na medida em que se trata da capacidade de dar o destaque necessário [...], de modo a chamar a atenção. Um dos desdobramentos da tematização é a chamada suíte de uma matéria, ou seja, os múltiplos desdobramentos que a informação vai recebendo, de maneira a manter presa a atenção do receptor naquele assunto. (HOHLFELDT, 1997, p. 50).

Já a *saliência*, conforme Hohlfeldt (1997, p. 50), é a “valorização individual dada pelo receptor a um determinado assunto noticiado, que se traduz pela percepção que ele venha a emprestar à opinião pública”. E, por fim, a *focalização*, segundo Hohlfeldt (1997), diz respeito ao modo como os veículos abordam determinado assunto, o apoiando, contextualizando e tendo um cuidado especial na editoração.

As notícias que serão analisadas nesta pesquisa tratam de estupros cometidos contra mulheres. De acordo com Pena (2015, p. 71) “o fato é que os jornalistas se valem de uma cultura própria para decidir o que é notícia ou não. Ou seja, têm critérios próprios, que consideram óbvios, quase instintivos”.

O mundo oferecido aos leitores/espectadores é uma “imagem retratada” que passa através de um “prisma” - valores-notícia da comunidade jornalística, tais como o novo, o fora de uso, o sensacional e o controverso. A política, através do prisma da notícia, é principalmente acerca da luta pelo poder, subordinada ao drama do conflito da controvérsia, enlameada nas metáforas do campo de batalha e focada nos meios, e não nos fins. (PETTERSON, 1997 apud TRAQUINA, 2013, p. 25)

Ao conhecer a teoria da agenda, somos levados a pensar no conceito de enquadramento. O enquadramento nada mais é que o modo como os jornalistas apresentam

uma notícia aos leitores. De acordo com Carvalho (2009, p. 3) “o enquadramento está centrado em reflexões acerca dos modos como é possível, a cada indivíduo, identificar a situação diante da qual se encontra em presença”. Carvalho afirma a teoria por meio do conceito de Goffmann:

Parto do princípio de que as definições de uma situação são construídas de acordo com os princípios de organização que governam eventos - pelo menos os sociais - e o nosso envolvimento subjetivo neles; *enquadramento* é a palavra que eu uso para referir-se a um destes elementos básicos, tais como sou capaz de identificar. Esta é minha definição de *enquadramento*. Minha expressão análise do *enquadramento* é um slogan para referir-me, nesses termos, ao exame da organização da experiência. (GOFFMAN, 2006 apud CARVALHO, 2009, p. 4).

Para Carvalho (2009, p. 4), após análise do estudo feito por Goffmann, enquadramento é “um conceito para análises de como cada sujeito em particular se envolve subjetivamente em uma dada situação social, e não um conceito sobre a organização da estrutura social”.

Assim, conforme Goffman (2006 apud CARVALHO), quando uma pessoa tem conhecimento de um fato, ela tende a usar ou envolver em sua resposta quadros de referências ou esquemas interpretativos, que são chamados de primários. O autor chama de primário pois a aplicação dos quadros de referência, feitos por aqueles que o aplicam, são considerados não dependentes de interpretações anteriores. Goffman acredita que o quadro de referência primário é considerado como aquele que modifica algo que tenha sentido, para um aspecto sem sentido da cena.

Quando pensamos no dia a dia da produção jornalística, imaginamos que os profissionais, segundo Carvalho (2009), exercem uma atividade que tem como característica as múltiplas dimensões de negociação com uma grande quantidade de pessoas. Por isso, acabam por produzir significados mais complexos do que aqueles que são mais retraídos pelas relações institucionalizadas. Para Carvalho (2009), as apropriações do conceito de enquadramento de Goffman, feitas por Silveirinha, lhe parecem ricas.

Sendo construções simbólicas e interpretativas, os enquadramentos referem-se a crenças partilhadas na sociedade (...). É certo que não existe um verdadeiro consenso entre os investigadores relativamente ao que são, afinal, os enquadramentos e sobre como os indivíduos e as culturas fazem uso deles, o que tem levado mesmo alguns autores a falarem de um “paradigma fracturado” (Entman, 1993: 103). Apesar disso, o conceito, na medida em que faz a ligação entre estrutura e acção, cognição e práticas sociais, é útil não só ao estudo do jornalismo mas à própria avaliação do

papel da imprensa num momento particular da vida coletiva. (SILVEIRINHA, 2005 apud CARVALHO, 2009, p. 7)

Levando em conta a abordagem de Silveirinha, Carvalho (2009) acredita que é importante ressaltar a relação que o enquadramento tem com a estrutura e ação, cognição e práticas sociais, pois é o que vai permitir compreender esses enquadramentos como jogos sociais de ampla visão. Além disso, para o autor, podemos compreender o jornalismo como uma prática que negocia todos os dias com os atores sociais, também na questão de fazer prevalecer um ponto de vista.

Desta forma, assim como coloca Carvalho (2009), precisamos ter a noção de que os enquadramentos podem variar em uma notícia, podendo trazer a um acontecimento realidades múltiplas. Como será mostrado na análise do presente artigo, quem vai escolher a realidade que será noticiada é o profissional do veículo de comunicação.

Se uma realidade social se modifica a partir de novos enquadramentos, e se a realidade social é a fonte por excelência de que se vale o jornalismo na construção das suas narrativas sobre as múltiplas facetas da vida cotidiana, em outras palavras, se é na realidade social e em função dela que os acontecimentos se materializam, ou impactam, não é prudente tomar os enquadramentos jornalísticos como imobilizados em torno de quadros de referência imutáveis, ou sujeitos prioritariamente aos constrangimentos institucionais. (CARVALHO, 2009, p. 9).

Qualquer acontecimento pode ser enquadrado de uma forma diversa ao ser noticiado e isso é o resultado de inúmeras influências externas, que acontecem de forma natural. Carvalho (2009, p. 9) afirma que “ao utilizarmos os quadros de referência como uma forma de nos assegurarmos de que estamos interpretando corretamente uma dada situação, nem sempre nos será possível identificar se aquela cena corresponde a algo verdadeiro”.

Assim como qualquer assunto, as notícias relacionadas à casos de estupro também são agendadas pelos veículos antes de chegarem à sociedade. É por meio do enquadramento que os jornalistas classificam os acontecimentos a serem noticiados. Na seção a seguir será mostrada a forma como a cultura do estupro se forma na sociedade e qual o papel do jornalista em relação a estes casos.

2.1 A cultura do estupro estampada nas notícias

As notícias de estupro geralmente causam muito impacto nos leitores, por tratarem de violência e abuso sexual. Porém, deve-se ter muito cuidado com as palavras e frases que

serão utilizadas a respeito do fato. Para Traquina (2013), a cultura do jornalismo é rica em símbolos, mitos e interpretações, que fazem com que a comunidade interprete o acontecimento com uma imagem bem clara dos vilões e dos heróis, a quem as pessoas passam a amar ou odiar.

A cultura do estupro se manifesta de forma sutil na sociedade. Seja no ato de duvidar das vítimas ou na normatização da violência sexual, vemos reflexos duradouros e complexos dessa cultura no meio social, tanto na Indústria Cultural, como na concepção da publicidade, na indústria cinematográfica e televisiva, e no discurso jornalístico, quanto na justificação da violência pela roupa que a vítima estava usando na hora do crime, ou ainda, por andar desacompanhada na rua de noite. (BURIGO, 2016 apud TURCATTO, 2017, p. 3)

A cultura do estupro é facilmente identificada em manchetes ou no discurso de alguns jornalistas e é vista na sociedade de forma banal. Quando um jornalista escreve uma matéria questionando a denúncia do fato, ele está contribuindo para que essa cultura se dissemine entre os leitores daquele conteúdo.

Para Drezett (2015 apud TURCATTO) esse silenciamento entre as vítimas de estupro se dá porque muitas mulheres acabam se sentindo humilhadas na hora de registrarem o boletim de ocorrência. Ainda, essas mulheres têm medo do que terão que enfrentar no ambiente em que vivem e no meio judicial e policial. Quando banalizamos os casos de estupro, estamos contribuindo para esta cultura tanto presente na sociedade. Afinal, jornalistas são como mensageiros dos fatos para o público.

Ainda conforme Turcatto (2017, p. 9), “a prática jornalística exerce um papel fundamental na consolidação da cultura do estupro sob a perspectiva de gênero”. O profissional jornalista deve ter a responsabilidade de investigar e levar ao público informações coerentes, suscitando opiniões sobre violência sexual.

A maneira como a mídia pauta a violência de gênero influencia na construção de sua representação na sociedade. Serão estimulados o pensamento e o debate e, assim, o jornalismo coloca em ação seu papel social, pois a sociedade terá conhecimento suficiente para solicitar e cobrar a criação de políticas públicas para a prevenção e o combate ao problema. (VERÁS, 2016, p. 3)

Por isso é preciso ter sempre muito cuidado com a seleção de palavras utilizadas e a forma de contar uma história. De acordo com Verás (2016, p. 4) “nos casos de notícias sobre violência contra a mulher, a análise do enquadramento utilizado diz muito sobre a

representação do problema no imaginário social”.

O jornalismo digital permite uma extensa rede de compartilhamentos, debates e discussões (o que mantém o fato aquecido por dias), lida de maneira mais próxima com a opinião do leitor, entre tantas outras especificidades. Por outro lado, pode também ser considerado mais efêmero, dada a quantidade de notícias que bombardeia o público diariamente. (VERÁS, 2016, p. 2)

As notícias que tratam de violência contra mulher ainda são um tabu e muitas mulheres são julgadas após realizarem denúncias sobre assédios ou violência.

É sobre as ocorrências sociais que os profissionais jornalistas devem trabalhar. É por este caminho que o jornalismo deve se guiar para levar ao público os acontecimentos mais importantes e dignos de audiência para a sociedade. Quando notícias sobre estupro acabam deixando de ser noticiadas, caminhamos pelo que chamamos de cultura do estupro, a banalização da violência sexual. (LIMA, 2009 apud TURCATTO, 2017, p. 10)

Como explica Verás (2016), a mídia pode ser considerada um agente modificador da sociedade ao produzir sentido nos processos históricos, pois são os veículos que decidem o que terá um enfoque maior. Assim, “contribui para sua elucidação ou seu esquecimento; constrói representações e reitera ou desconstrói estereótipos ou preconceitos” (VERÁS, 2016, p.2).

A forma como o jornalista utiliza da subjetividade para fazer o seu relato, faz com que ele tenha suas características próprias empregadas na notícia. Além disso, ele pode utilizar da objetividade para fazer com que a sua escrita seja mais focalizada no fato em si e não nas distorções que podem ocorrer durante a produção jornalística.

Segundo Kunczik (2002, p. 101) “a subjetividade e a reportagem feita com consciência não se contradizem. A objetividade significa simplesmente não distorcer nem suprimir os fatos”. Cabe aos jornalistas realizar suas funções sociais, prezando pelo fim da violência, bem como o fim da banalização dos casos de estupro.

Quando as meninas são ensinadas, desde pequenas, que não devem usar roupas curtas ou que não devem sair sozinhas de casa, já faz parte desta cultura presente na sociedade. De acordo com Turcatto (2017, p. 4) “nesse contexto, observamos a violência que atinge as mulheres como uma realidade intrínseca em sistemas simbólicos construídos social e culturalmente”.

E é a partir do exposto que a análise feita a seguir busca mostrar como dois casos de estupro foram agendados e enquadrados por veículos de imprensa de Passo Fundo.

3 Metodologia

A pesquisa que será apresentada a seguir tem como objetivo avaliar o agendamento de notícias que retratam a culpabilização das vítimas em casos de estupro. Durante o estudo, serão analisadas duas postagens: a primeira publicada pelo Diário da Manhã, do dia 02/01/2020, com a manchete *Adolescente sai de casa sem avisar e é estuprada em Sertão* e a segunda, levada ao ar pelo site da Rádio Uirapuru, do dia 17/12/2019, com manchete *Adolescente é estuprada por estranho após aceitar carona em Passo Fundo*. Na pesquisa, serão analisadas as características do agendamento e enquadramento dessas publicações, as quais, já de imediato é perceptível, culpabilizam a vítima pelo ocorrido.

O Jornal Diário da Manhã foi fundado em 1935, no município de Passo Fundo, e era o primeiro produto jornalístico do Grupo Diário da Manhã. Em 2003, o veículo entrou para a era digital e criou o portal diariodamanha.com. Além de contar com as publicações de diversos colunistas, o veículo possui uma aba chamada “Especiais”, contendo todas as notícias ligadas a determinado assunto, como a Expodireto Cotrijal 2019 ou o Plantão coronavírus, por exemplo. No portal também é possível saber mais sobre o veículo e a TV Diário, outras iniciativas da empresa. As postagens do portal são atualizadas todos os dias com as notícias mais recentes. Os leitores também podem se inscrever por meio do site para receber as notícias diretamente no e-mail cadastrado.

A Rádio Uirapuru AM nasceu em 1981, a partir de uma pesquisa de opinião pública, realizada em Passo Fundo. Atualmente, o veículo transmite informações pelo jornal, rádio e também pelo portal rduirapuru.com.br. No site, os leitores podem acompanhar as notícias mais recentes sobre diversas editorias e ler colunas a respeito de temas diversos, escritas pelos jornalistas do veículo. Além disso, no Blog do Leitor são publicadas reclamações vindas da população sobre denúncias ligadas ao meio ambiente, situação das ruas, entre outros assuntos. O veículo ainda disponibiliza o Troca-Troca, em que são feitos negócios ligados a imóveis, vagas de emprego, adoção de animais e demais serviços.

Para fundamentar a análise será utilizada a teoria da agenda, de acordo com conceitos propostos pelo autor Maxwell McCombs (2009) e os indicadores da hipótese do agendamento, elaborados por Antônio Hohfeldt (1997). Além disso, será analisada a forma

que os veículos enquadraram estas notícias, conforme os preceitos de Eving Goffman (2006).

A metodologia de análise escolhida para operacionalizar a pesquisa é a análise de discurso. Conforme Benetti (2010), a análise de discurso é produtiva para dois tipos de estudo no jornalismo: o mapeamento de vozes e identificação de sentidos. Os dois conceitos estão interligados, mas podem ser desenvolvidos em diferentes momentos. “A notícia é um dos eixos norteadores dos “consensos” e parâmetros sociais de normalidade e anormalidade. Ao lidar essencialmente com o que é inesperado, incomum ou perigoso, o jornalismo acaba indicando o que seria socialmente desejável, normal ou adequado” (BENETTI, 2010, p.110).

Benetti (2010) utiliza o conceito de intersubjetividade para falar sobre o estudo dos sentidos. Segundo ela, a intersubjetividade nos faz parar de pensar de forma ingênua em relação a visão de que o discurso poderia conter uma verdade específica ou uma literalidade. A autora ainda destaca que o efeito de literalidade se iguala ao esquecimento de uma ideologia. Quanto mais a ideologia se torna algo natural, mais as formações do discurso que dela se originam carregam sentidos que parecem literais. “Se o discurso depende dos sujeitos para existir, isso significa que é produzido por esses sujeitos - não apenas pelo autor da fala ou enunciador, mas também pelo sujeito que lê. O discurso é, assim, opaco, não-transparente, pleno de possibilidades de interpretação” (BENETTI, 2010, p.108).

Citando Traquina, Benetti (2010) explica como funciona a criação de sentidos no jornalismo:

De forma mais ampla, o jornalismo constrói sentidos sobre a realidade, em um processo de contínua e mútua interferência. De forma mais restrita, a notícia é uma construção social que depende basicamente de seis condições de produção ou existência: a realidade, ou os aspectos manifestos dos acontecimentos; os constrangimentos impostos aos jornalistas no sistema organizacional; as narrativas que orientam o que os jornalistas escrevem; as rotinas que determinam o trabalho; os valores-notícia dos jornalistas; as identidades das fontes de informação utilizadas e seus interesses. (TRAQUINA, 2002 apud BENETTI, 2010, p. 110 e 111)

A partir dos conceitos relativos à hipótese do agendamento, criados por Hohlfeldt (1997), serão analisadas as publicações escolhidas na amostragem. Os conceitos de *acumulação*, *consonância*, *onipresença*, *relevância*, *frame temporal*, *time-lag*, *centralidade*, *tematização*, *saliência* e *focalização*, citados pelo autor, vão apontar elementos da construção noticiosa, que dão a compreender, no texto, que a vítima é culpada pelo abuso que sofreu.

4 Desvendando o agendamento de notícias sobre casos de estupro

Conforme citado acima, este trabalho vai analisar duas reportagens tratando de casos de estupro e que foram agendadas de forma a culpabilizar a vítima pelo ocorrido. Em seguida, serão apresentados os conceitos elaborados por Hohlfeldt (1997), que mostram, por meio da teoria do agendamento, como esta culpabilização acontece.

A primeira notícia a ser analisada possui o título “Adolescente sai de casa sem avisar e é estuprada em Sertão” e foi publicada no dia 2 de janeiro de 2020 no site do veículo Diário da Manhã (Figura 1).

Figura 1 - Notícia publicada pelo Diário da Manhã

SEGURANÇA

Adolescente sai de casa sem avisar e é estuprada em Sertão

Fato ocorreu na noite de ontem

02/01/2020 - 12h12min

Uma ocorrência de estupro foi registrada no município de Sertão na noite de quarta-feira (1º). De acordo com a **Brigada Militar**, por volta das 22h30, os policiais se deslocaram para comparecer ao Hospital São José. A mãe da vítima relatou que a filha estava no computador e, em determinado momento, saiu de casa durante a noite sem avisar. Ao retornar, a adolescente de 16 anos relatou ter sido estuprada por um cliente do estabelecimento da mãe. As duas foram conduzidas à Delegacia de Polícia de Pronto Atendimento (DPPA) de Passo Fundo, onde foi feito o registro. A adolescente foi também levada ao **Hospital São Vicente de Paulo** (HSVP), em Passo Fundo, para atendimento complementar. O acusado do crime não foi localizado. O estupro será investigado pela Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA) de Passo Fundo.

Fonte: Diário da Manhã, 2020.

Esta notícia é encontrada na editoria segurança e por se tratar de um crime, traz poucas considerações sobre o que aconteceu, em sua grande maioria demonstra sobre as atitudes tomadas pela vítima e suas características. A matéria não cita nada a respeito do agressor, apenas que ele não foi localizado. É uma notícia de fácil entendimento, sucinta e possui uma imagem padrão do veículo, informando a qual editoria pertence.

Para tornar a notícia atrativa para o público leitor, o jornalista do veículo traz o relato da mãe da adolescente que sofreu o abuso. Na sequência, fala sobre todos os passos que a jovem teve de passar após ter sofrido o abuso, como hospital e delegacia, transformando o relato em algo bem próximo da realidade. Em seguida, o jornalista complementa falando que o agressor não foi localizado e sobre como vai proceder a investigação. Em nenhum

momento a fala da adolescente é citada da matéria, tudo o que é informado vem pelo relato da mãe, pois como ela é menor de idade e este é o protocolo que deve ser seguido.

Conforme o Artigo 17 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), “O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais”.

A menina não pode ser ouvida neste caso, mas a forma como a notícia foi produzida impacta muito sobre a forma como a sociedade vai enxergá-la, neste caso, como culpada do abuso por ter saído sozinha à noite. Além disso, a fala da mãe da vítima não possui aspas, é feita de forma breve e sem explicar o contexto em que foi relatada, contribuindo para que o leitor tenha esta visão da culpabilização da adolescente.

Carvalho (2009, p. 9) conceitua que “ao utilizarmos os quadros de referência como uma forma de nos assegurarmos de que estamos interpretando corretamente uma dada situação, nem sempre nos será possível identificar se aquela cena corresponde a algo verdadeiro”. Desta forma, é possível perceber que o enquadramento dado pelo jornalista não diz respeito à fala da vítima, mas sim a relatos de pessoas que não vivenciaram o fato em si.

Para Traquina (2002 apud BENETTI, 2010, p. 110-111), a notícia é uma construção social que depende de seis condições para existir: a realidade, o constrangimento imposto ao jornalista pela organização, as narrativas em que o jornalista se baseia para escrever, rotina de trabalho, valores-notícias e fontes que serão utilizadas para o relato do acontecimento.

Neste exemplo do Diário da Manhã, o jornalista construiu o fato do ponto em que a Brigada Militar foi chamada ao hospital que a menina estava, em seguida utiliza o relato da mãe falando que ela teria saído sozinha e por fim, quais foram os trâmites necessários para que a investigação começasse, além da breve citação de que o agressor não foi localizado, dito em uma única frase da matéria.

As palavras utilizadas no texto falam o básico sobre o fato e deixam no ar algumas interpretações, principalmente por citar que a vítima saiu sozinha e sem avisar a mãe. Além disso, quando se fala “*O acusado do crime não foi localizado*” dá a entender que a menina está acusando o homem, mas não refere se a polícia segue procurando, qual o protocolo seguinte. Na sequência serão abordadas as características citadas por Hohlfeldt (1997), presente na reportagem analisada.

O conceito de *onipresença* é, segundo Hohlfeldt (1997), um acontecimento que,

quando é transformado em notícia, ultrapassa as barreiras que lhe seriam determinados e se torna onipresente. Não se trata de algo comum de acontecer, por isso, quando acontece gera comoção. Esta primeira notícia não é classificada como *onipresente*, pois apesar de se tratar de um tema de grande impacto para a sociedade, só é localizada no site do veículo Diário da Manhã e não aparece em outros meios de comunicação.

Já o conceito de *relevância* é tratado por Hohlfeldt (1997) como algo que avalia as notícias pela forma como um determinado acontecimento acaba sendo noticiado pelos mais diferentes veículos, independente do enfoque que receba. Na matéria do Diário podemos notar a relevância, pois trata-se de um tema que causa interesse na sociedade e desperta a curiosidade. O primeiro elemento que mostra a *relevância* presente nesta notícia é que o fato aconteceu em Sertão e foi publicado em um site da cidade de Passo Fundo. Caso não se tratasse de um assunto de interesse para o público, a notícia provavelmente não seria publicada em outra cidade.

Para o Hohlfeldt (1997), *centralidade* é a capacidade que os veículos têm de colocar um determinado assunto como algo importante, dando a ele relevância, hierarquia e significado. Podemos perceber a *centralidade* na notícia quando nos deparamos com a manchete “*Adolescente sai de casa sem avisar e é estuprada em Sertão*”. O título foi criado para chamar a atenção do leitor para aquele fato. Da mesma forma, as frases “*A mãe da vítima relatou que a filha [...], saiu de casa durante a noite sem avisar*” e “*Ao retornar, a adolescente de 16 anos relatou ter sido estuprada por um cliente do estabelecimento da mãe*”. A construção dos parágrafos 3 e 4, respectivamente, mostra que o jornalista quer reafirmar a informação de que a menina saiu sozinha, para que isso possa ser visto pelos leitores como o que motivo que teria acarretado o fato. Estar sozinha significa, nessa construção, que ela estaria pedindo para ser abusada, ou então, que ela não pode reclamar por ter sido estuprada. As demais informações presentes na matéria falam sobre o que ocorreu após o abuso e são colocadas em segundo plano na escrita.

A característica proposta por Hohlfeldt (1997) nominada *tematização* também fica evidente na análise proposta, nos parágrafos 3 e 4, quando o jornalista está mostrando o relato da mãe falando que a filha saiu de casa no meio da noite sem avisar e quando ela retorna e diz que foi estuprada. O jornalista usa deste depoimento de mãe e filha para chamar a atenção para o que está sendo noticiado. Isso acontece pois os leitores se familiarizam com a mãe, por exemplo, prendendo o público ao fato e como o mesmo ocorreu. Como se trata de um

estupro, isso também contribui para despertar interesse na sociedade. Para Hohlfeldt (1997), a *tematização* são os inúmeros desdobramentos que uma notícia pode receber, que está ligado ao fato de dar o destaque necessário para que ele chame a atenção dos leitores.

Neste caso, o foco da notícia poderia ser o fato de o agressor já conhecer a família da vítima, por se tratar de um cliente do estabelecimento da mãe da adolescente. Também poderiam ter sido abordados mais detalhes sobre o suposto estuprador, como se ele tinha ficha criminal ou se era conhecido por ter cometido outros abusos. Da forma como a matéria foi escrita, dá a entender que a adolescente era uma pessoa que fazia o que queria, saía de casa a hora que bem entendesse e sem informar à família, dando a ela o papel de vilã do fato. Conforme Turcatto (2017), a prática jornalística exerce um papel fundamental na consolidação do pensamento da cultura do estupro na sociedade. Quando o profissional tenta buscar motivos para que o abuso ocorresse, quando julga a pessoa pela roupa que usa, quando banaliza este tipo de abuso, está contribuindo para este tipo de cultura machista.

Além disso, outro tópico que poderia ser abordado é como outras vítimas de agressão podem buscar ajuda, como denunciar, qual o primeiro passo depois que um abuso desse tipo ocorre. Isso faz com que as mulheres se sintam melhor informadas e preparadas para caso um crime desses ocorra, além de encorajar outras vítimas de violência a fazer a denúncia.

Como sociedade, somos sempre levados a tentar encontrar um motivo para as coisas acontecerem, algo que explique porque aquela adolescente foi estuprada, e quando o jornalista constrói a notícia dando o foco no relato de que a menina saiu de casa sozinha, temos a impressão de que a adolescente fez por merecer o crime sofrido. “A notícia é um dos eixos norteadores dos “consensos” e parâmetros sociais de normalidade e anormalidade. Ao lidar essencialmente com o que é inesperado, incomum ou perigoso, o jornalismo acaba indicando o que seria socialmente desejável, normal ou adequado” (BENETTI, 2010, p.110).

A cultura do estupro pode se manifestar na sociedade em diversas formas e este discurso é refletido nas notícias que tratam sobre o tema. Para Burigo (2016 apud TURCATTO), a cultura do estupro se manifesta quando duvidamos de vítimas de abuso ou normalizamos a violência sexual. Além disso, ela está presente na justificção da violência pela roupa que a vítima usava no momento em que sofreu o abuso ou por estar andando desacompanhada na rua durante a noite. “Vemos reflexos duradouros e complexos dessa cultura no meio social, tanto na Indústria Cultural, como na concepção da publicidade, na

indústria cinematográfica e televisiva, e no discurso jornalístico” (BURIGO, 2016 apud TURCATTO, 2017, p. 3).

Quando jornalistas, possuímos o poder de influenciar a sociedade pela forma como vai pensar ou sobre o que vai saber sobre determinado fato. Segundo Verás (2016), a mídia pode ser considerada um agente modificador da sociedade ao produzir sentido nos processos históricos, pois são os veículos que decidem o que terá um enfoque maior.

Quando aborda o agendamento a partir do que denomina *saliência*, Hohlfeldt (1997, p. 50) destaca a “valorização individual dada pelo receptor a um determinado assunto noticiado, que se traduz pela percepção que ele venha a emprestar à opinião pública”. No Diário da Manhã, é possível identificar essa característica quando o jornalista busca um motivo para o abuso ter acontecido, neste caso o fato dela ter sido abusada por sair de casa sozinha, e os leitores são levados a pensar da mesma forma. Conforme Turcatto (2017), quando as meninas crescem e são ensinadas a não serem estupradas ou não saírem sozinhas à noite, elas recebem a responsabilidade de não sofrer esses abusos.

Outra característica que pode ser relacionada a esta notícia, proveniente de Hohlfeldt (1997) é a *focalização*. *Focalização* é a forma que os veículos abordam um assunto, contextualizando o tema, a linguagem, tendo cuidados com editoração, uso de chapéus, etc. Nesta notícia, o conceito não se aplica, pois não possui chapéus ou imagens, apenas atenta pelo modo como foi escrito, com palavras de fácil compreensão e frases que chamem a atenção do leitor. A imagem mostra que se trata do plantão policial, mas não desperta curiosidade, pois é uma figura padrão do veículo. Apesar de citar que a polícia iria investigar o caso, não foram publicadas novas notícias sobre o fato, informando se o culpado teria sido preso ou localizado pelas autoridades.

Os conceitos de *frame temporal*, *acumulação* e *time-lag* também não são identificados nesta notícia, por se tratar de algo factual e pela notícia apontar as primeiras impressões sobre o ocorrido, sem um aprofundamento sobre o que acontece a seguir.

Como descreve Hohlfeldt (1997), *consonância* é a forma como diferentes veículos podem ter traços em comum e semelhanças na forma como atuam na transformação de um acontecimento em notícia. A *consonância* pode ser vista em ambas as notícias, pois o jornalista dá a entender nas entrelinhas que a vítima é culpada do abuso que sofreu. Isso pode ser destacado tanto no título das duas matérias, como na escrita. Apesar de se tratar de dois veículos diferentes, ambos têm traços em comum ao abordar este tipo de acontecimento.

Assim como a primeira observada, a segunda notícia a ser analisada não traz o relato da vítima sobre o fato, apenas dos policiais que tomaram conhecimento do que aconteceu. Isso acontece por se tratar de uma menor de idade, que é protegida pela legislação do Estatuto da Criança e do Adolescente. O ECA entende que o bem estar da vítima precisa ser preservado para que ela não sofra outros traumas decorridos desse episódio. Além disso, outra característica presente em ambas é que aparentemente o jornalista busca motivos para que o abuso tivesse ocorrido, quando dá destaque ao fato de que ela aceitou carona de um estranho e após isto foi abusada.

A segunda notícia a ser analisada traz a seguinte manchete: “*Adolescente é estuprada por estranho após aceitar carona em Passo Fundo*” e foi publicada no dia 17 de dezembro de 2019, no site da Rádio Uirapuru. Ela traz o texto de forma simples, de fácil compreensão e a imagem utilizada é uma padrão do veículo (Figura 2).

Figura 2 - Notícia publicada pela Rádio Uirapuru

Adolescente é estuprada por estranho após aceitar carona em Passo Fundo

Uma adolescente de 16 anos, moradora de Passo Fundo, informou a policiais que foi estuprada na noite de ontem (16) por um estranho após aceitar uma carona.

O fato foi registrado na Polícia Civil, mas foi atendido antes pela Brigada Militar, que socorreu a menina.

Os policiais foram acionados por moradores de uma rua do bairro Lucas Araújo por volta das 22h50, após estes serem procurados pela adolescente, que pedia ajuda.

Aos policiais ela relatou que caminhava na Vila Cruzeiro, quando aceitou carona de um homem que não conhecia. Dentro do carro, a adolescente foi levada até a Lucas Araújo, onde, conforme ela, foi estuprada dentro do carro. Após o crime, foi deixada na rua, onde caminhou e pediu ajuda a moradores.

Os policiais conduziram a vítima até o Hospital São Vicente de Paulo (HSVP), mas ela recusou atendimento e passar pela perícia que atestaria o estupro.

A Polícia Civil investiga o caso.

Fonte: Rádio Uirapuru, 2019.

Como já citado acima, esta notícia é caracterizada pelo conceito de *consonância*. Isso acontece quando o jornalista sugere pela forma como a matéria escrita, que a vítima é culpada pelo abuso que sofreu, neste caso por ter aceitado a carona de um estranho.

A *relevância* é encontrada nesta matéria pois se trata de um tema de interesse público, seja pela forma como é relatada, que a vítima pegou carona com um estranho antes do abuso

acontecer, ou pelo fato de ser um ato de violência. Desta forma, as pessoas ficam curiosas em saber os rumos que a história tomou.

Quando uma pessoa fala que uma menina está com a roupa curta ou quando algo assim acontece pois ela saiu com estranho, acham que ela pediu para que isso acontecesse e é isso que precisa ser desmistificado. Cada ser humano tem a liberdade de sair como bem entender e com quem quiser. Estupro é crime e deve ser punido, mas não há motivo para que a vítima seja culpada por isso.

A cultura do estupro é, de acordo com Burigo (2016 apud TURCATTO), uma cultura que normatiza a violência sexual. Isso acontece pois as pessoas não são ensinadas que estupro é crime, que é algo errado de se fazer, mas sim como não ser estupradas. Quando a sociedade duvida de uma vítima, ela está exercendo esta cultura, pois é mais fácil acreditar em uma suposta culpa das mulheres do que lidar com o fato que homens cometem abusos e estupros.

Já a *centralidade* está presente nos parágrafos 1, 4 e 5, além da manchete da notícia. Este conceito está presente no título da matéria pois logo de cara já mostra a ideia principal do texto, de que uma adolescente foi estuprada após ter aceitado carona de um estranho. No parágrafo um, também é dada uma breve pincelada sobre o fato, quando o jornalista escreve *“Uma adolescente de 16 anos, moradora de Passo Fundo, informou a policiais que foi estuprada na noite de ontem (16) por um estranho após aceitar carona”*.

Nos parágrafos 4 e 5 o jornalista utiliza mais detalhes para contar como tudo aconteceu, além de dar destaque para o fato de que a vítima se recusou a fazer os exames que comprovam o abuso. Isto acontece no trecho *“Aos policiais ela relatou que caminhava na Vila Cruzeiro, quando aceitou carona de um homem que não conhecia. [...] Após o crime, foi deixada na rua, onde caminhou e pediu ajuda a moradores”* do quarto parágrafo e em *“Os policiais conduziram a vítima até o Hospital São Vicente de Paulo (HSVP), mas ela recusou atendimento e passar pela perícia que atestaria o estupro”*, no quinto parágrafo.

Na *centralidade*, conseguimos ter uma maior noção do que é a cultura de estupro, pois o jornalista poderia focar em outros aspectos do acontecimento e não ao fato de que a menina aceitou carona de um estranho. Da mesma maneira como a notícia analisada acima, retirada do veículo Diário da Manhã, ele busca um motivo para que o crime tenha acontecido. Além disso, quando ele fala que ela se recusou a fazer o exame, dá a entender que talvez seja uma farsa, que pode nem ter acontecido, pondo em discussão a credibilidade do relato da vítima. Porém, quando uma pessoa é violentada, ela quer ser acolhida e talvez não esteja pronta

naquele momento para passar por este tipo de procedimento. Assim como na notícia analisada anteriormente, a vítima não ganha espaço na história por conta das normas estabelecidas no Estatuto da Criança e do Adolescente.

Como Hohlfeldt (1997) cita, a *tematização* quer atrair o leitor a partir dos desdobramentos impostos na matéria. Neste caso, ela está presente nos parágrafos 1, 4 e 5, como já citado acima, quando fala sobre como o fato ocorreu e quando cita que a adolescente não quis passar pelos exames necessários para atestar o abuso. Além disso, o título também desperta curiosidade nos leitores e faz com que eles queiram saber o que aconteceu.

Assim como a *tematização*, a *saliência* é encontrada nos parágrafos 1, 4 e 5. No parágrafo um, da forma como foi escrita, o jornalista quer dar enfoque ao fato de que a adolescente aceitou carona de um estranho antes de ser abusada. No quarto parágrafo, o destaque vai para o fato de que ela aceitou carona, foi abusada e em seguida deixada na rua, quando pediu ajuda aos moradores. Já no quinto parágrafo, o jornalista mostra que a vítima não quis passar pelo exame que confirmaria o estupro. Isto acontece, segundo McCombs (2009), pois os jornalistas focam a atenção da audiência naquele fato e influenciam as percepções dos leitores sobre o assunto.

Os trechos retirados do texto para explicar as características *centralidade*, *tematização* e *saliência* expostas por Hohlfeldt (1997) para falar sobre o conceito de agendamento são possíveis de se demonstrar o que faz parte do imaginário social, deixando em evidência a cultura do estupro. Conforme explica Benetti (2010), o discurso é produzido por sujeitos e dependem deles para existir, desta forma é produzido por este sujeito, não apenas pela pessoa que participou do acontecimento, mas também pela sociedade que lê. O texto é cheio de possibilidades para interpretação. Dito isso, é inegável que o repórter faz suas construções baseado em suas crenças e conceitos, mas ele também é um ser social, imerso nessa realidade e por ela impactado, moldado conforme o pensamento predominante das pessoas, de que uma menina deve ser ensinada a não ser estuprada, enquanto homens não precisam ser ensinados a não estuprar e violentar mulheres.

A característica da *focalização* não é manifesta neste caso, pois o texto é simples, não possui chapéu ou algo que chame muito a atenção, além do que está escrito. A imagem da notícia também não causa interesse, pois se trata de uma imagem padrão do veículo, mostrando de que editoria se trata.

Além disso, assim como a primeira matéria analisada, as características apresentadas por Hohlfeldt (1997) classificadas como *frame temporal e acumulação* não são evidentes neste objeto de análise, por se tratar de algo factual, e como *time-lag*, pois não mostra o intervalo decorrente entre a agenda da mídia e do receptor, para trazer os impactos sentidos pelo público. O frame-temporal não se encaixa nesta publicação por conta da última frase que ela possui: “*A Polícia Civil investiga o caso*”. O conceito não se aplica pois são informações apuradas logo após o fato ter acontecido. Nos dias após a data da notícia que está sendo analisada não são publicadas matérias referentes ao andamento da investigação ou sobre o que aconteceu com o acusado.

A segunda notícia também não pode ser classificada como *onipresente*, pois é localizada apenas no site do veículo e não ganha espaço em outros meios de comunicação, como televisão, rádio ou jornal.

Após este estudo, as características que se enquadraram nas notícias analisadas foram listadas no Quadro 1:

Quadro 1 - Características

CARACTERÍSTICAS	DIÁRIO DA MANHÃ	RÁDIO UIRAPURU
Onipresença		
Relevância	X	X
Tematização	X	X
Centralidade	X	X
Saliência	X	X
Focalização		
Frame Temporal		
Time-lag		
Acumulação		
Consonância	X	X

Fonte: Autora, 2020

Por meio deste quadro, podemos vislumbrar que as características de relevância, tematização, centralidade, saliência e consonância, citadas por Hohlfeldt (1997), são percebidas nas duas matérias analisadas. Da mesma forma, os conceitos de frame temporal,

time-lag, acumulação, focalização e onipresença não são encontradas em nenhuma das duas notícias. Com isso, analisa-se que a falta de algumas dessas características, como onipresença e acumulação, resultam em uma escassez de informações a respeito de ambos os casos, pois as notícias não são encontradas em outros veículos e mesmo depois de terem sido publicadas nos respectivos meios de comunicação, elas não têm uma continuidade, dando ao público a curiosidade em saber se os suspeitos foram localizados ou que fim tiveram os casos. Além disso, pelos conceitos de tematização, centralidade e relevância, é afirmado que por mais que o jornalista tenha utilizado enfoques que sugeriram a culpabilização da vítima, o tema ainda é importante e causa interesse para a sociedade.

Diante da análise, é possível perceber que para encorajar mais mulheres a realizarem denúncias sobre os abusos que viveram, é preciso divulgar os canais em que elas podem buscar ajuda, de que forma fazer a denúncia e também os serviços que estão à sua disposição, para ajudar a enfrentar este momento tão complicado. Além disso, buscar não fazer pré-julgamentos quando estes abusos acontecerem, começando pelo fato de não tentar apresentar um motivo para um estupro, como o que está nas notícias citadas, mas sim, mostrar como isto é errado e precisa ser punido.

Considerações Finais

Diante do objetivo de analisar o agendamento das notícias sobre casos de estupro de modo a culpabilizar a vítima nos veículos Diário da Manhã e Rádio Uirapuru, esta pesquisa utilizou os conceitos propostos por Maxwell McCombs (2009) e a interpretação de Antônio Hohfeldt (1997), além da conceituação de Eving Goffman (2006) para a questão do enquadramento das notícias. A metodologia utilizada no trabalho se sustentou na análise de discurso, conforme critérios apontados por Márcia Benetti (2010).

Tendo em vista a metodologia utilizada neste estudo, ao analisarmos as notícias dos respectivos veículos, podemos perceber que, por meio das palavras utilizadas, o jornalista reflete o que a sociedade pensa sobre vítimas de violência sexual. No momento em que o profissional culpabiliza a vítima pelo ocorrido - como nos casos analisados em função de sair sozinha à noite ou aceitar carona de estranho - ele está contribuindo para esta cultura. É possível perceber esta contribuição quando ele busca motivos para explicar o porquê do abuso ter acontecido.

O jornalista cumpre um papel de extrema importância na sociedade e deste modo, deve refletir pela maneira que agenda notícias deste gênero. As informações sobre como realizar a denúncia não constam em nenhuma das matérias analisadas e é algo importante para que as vítimas saibam como agir nestes casos. Cabe ao profissional fazer o seu papel social de incentivar as vítimas de violência a realizarem denúncias e ampará-las no que for necessário, mostrando para quem elas devem pedir ajuda, pautando mais casos de denúncias que ocorrem e não tentando achar um motivo para que aquilo tenha ocorrido. Desta forma em que foi agendado, o fato faz com que essas pessoas não se sintam à vontade para denunciar, pois apesar de tudo o que já passaram, elas ainda têm de enfrentar o julgamento da sociedade.

Este estudo contribui para nos fazer refletir sobre nosso papel social como jornalistas, de amparar e incentivar que estas vítimas de estupro denunciem seus agressores. Com esta mudança, mais pessoas se sentirão prontas para passar por esse processo. Infelizmente muitas coisas precisam ser alteradas na sociedade em que vivemos para que se possa qualificar a discussão da violência sexual, e acabar ou diminuir a cultura do estupro é só o primeiro passo.

Por fim, acredito que este trabalho seja de extrema importância para modificar parte dos pensamentos preconceituosos que nos rodeiam e diminuir o silenciamento de vítimas de estupro, para que elas se sintam prontas para ter justiça pelo abuso que sofreram.

Referências Bibliográficas

- BENETTI, Márcia. Análise do Discurso em Jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia. BENETTI, Márcia. *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 107 - 122.
- CARVALHO, Carlos Alberto de. *O enquadramento como conceito desafiador à compreensão do jornalismo*. 2009. XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/r14-0206-1.pdf>. Acesso em: 10/09/2020.
- HOHLFELDT, Antonio. *Os estudos sobre a hipótese de agendamento*. 1997. Revista Fameco /Pucrs, Porto Alegre, 1997. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/208594706.pdf>. Acesso em: 07/09/2020.
- KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. p. 415.
- MCCOMBS, Maxwell. *A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 237.
- MIGUEL, Katarini Giroldo; SOUZA, Lynara Ojeda. *Jornalismo e Direitos Humanos: O Agendamento do tema Estupro no portal Campo Grande News (MS)*. 2018. Revista Videre,

Dourados, 2018. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/211945459.pdf>. Acesso em: 07/09/2020.

PENA, Felipe. *Teoria do jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 235.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional*. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2013, p. 208.

TUCHMAN, Gaye. Contando estórias. In: TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. São Paulo: Insular, 2016, p. 258 - 262.

TURCATTO, Paula Cristina. *Pensando a cultura do estupro no jornalismo sob a perspectiva de gênero*. 2017. 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo ECA/USP, São Paulo, 2017. Disponível em:

<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2017/paper/view/755/451>. Acesso em: 12/04/2020.

VERÁS, Gabriela Vasconcelos. *É preciso falar sobre estupro - o caso do estupro coletivo no Rio de Janeiro e a cobertura do Jornal Extra Digital*. 2016. 12º Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2016. Disponível em:

<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2017/03/Gabriela-Vasconcellos-UFF-Trabalho-Completo.pdf>. Acesso em: 10/04/2020.